

AMAZÔNIA ENTRE VÍRUS E CHAMAS:

ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA DO PORTAL DE NOTÍCIAS *THE GUARDIAN* SOBRE A REGIÃO AMAZÔNICA EM 2020

Fábio Augusto Silva BASTOS¹

Laiza Monik de Oliveira MANGAS²

RESUMO

O presente artigo traz a análise da imagem da Amazônia na cobertura jornalística on-line do portal de notícias inglês *The Guardian* – um dos que mais publica notícias sobre a região, durante o ano de 2020, período que tivemos a intensificação de uma antipolítica ambiental no Brasil e o combate à Covid-19. A proposta foi observar a abordagem e as temáticas que foram tratadas acerca da região amazônica o que, ao nosso ver, nos traz importantes reflexões a respeito da imagem midiática internacional formada sobre o território. A partir da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2010) notamos uma cobertura jornalística voltada ao enfoque político e social construindo uma narrativa de que devemos “salvar a Amazônia” dialogando com a perspectiva colonialista de explicar o que estava ocorrendo para o mundo. Durante o ano de 2020, o portal não produziu matérias sobre o conhecimento, arte e cultura na região, ou seja, o veículo reforçou um estereótipo já desenhado de que a Amazônia é vista com problemas históricos, sociais, econômicos e políticos. Esse ideário foi fortalecido pela política anti-ambientalista e anti-indigenista promovida por Jair Bolsonaro em meio ao combate da pandemia da COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; midiaticização; marca Amazônia; The Guardian.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará - PPGCOM/UFPA (2023). Email: soulfabbio@gmail.com

² Jornalista e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: laiza.mangas@gmail.com

INTRODUÇÃO

"Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, o longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão arvoredos. que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem Iho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar..."

(Carta de Pero Vaz de Caminha, 1º de maio de 1500)

Desde o início de sua ocupação pelos europeus vem se construindo narrativas sobre como sejam essas terras banhadas pelo oceano atlântico e localizadas ao sul do Equador. Narrativas que tentam espelhar por meio de palavras sua complexidade intangível enquanto lugar e tempo real. Intangível no que diz respeito a abarcar a realidade múltipla em que nessas terras se encerram. Como se diz, não existe uma Amazônia, mas diversas. E de lá pra cá, muitas águas passaram por debaixo da ponte, contudo a abordagem, embora tenha apresentado nuances no decorrer dos anos e séculos passando pelo período gomífero dos anos dos governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e no decorrer dos projetos desenvolvimentistas da ditadura militar, além disso, transitando em suas formas de apresentação – desde cartas, jornais, telejornais e, agora, no ambiente virtual, continua ufanista de suas riquezas naturais bem como de certa forma alienada ainda de toda complexidade aqui existente.

Já há muito tempo a Amazônia é vista como um lugar idílico, um santuário verde, que desde a emergência de uma suposta "consciência ecológica" - ecos da ECO-92 - assumiu perante a mídia e opinião públicas internacionais uma tábua de salvação para a degradação ambiental que o modelo industrial instituiu no mundo. Até antes dessa "eclosão"

de uma consciência ambiental, a grande floresta, nada mais era do que um grande espaço vazio verde - “Terra sem homens para homens sem terra”, como dizia o mote desenvolvimentista cunhado na ditadura militar - de concentração de matéria prima barata, contudo, com uma estrutura de acesso muito precária para sua exploração, fora os perigos endêmicos da região.

A busca por uma forma mais equilibrada da exploração dos recursos naturais que promoveu a ascensão do conceito de sustentabilidade e as preocupações com cataclismas ambientais decorrentes de constantes agressões aos ecossistemas, colocaram, portanto, a Amazônia na pauta midiática nacional e internacional, no rol dos grandes temas do *agenda setting* de todos os veículos de mídia. Com isso ela se tornou também uma das imagens conceituais mais publicizadas, provocando cobiça perante sua importância enquanto mantenedora de um equilíbrio ambiental, mas também dando a conta de ser comparada a grande marcas construídas pela publicidade e, dessa forma, sendo utilizada como agregadora de valores conceituais como nos diz Amaral (2018, p. 46):

A produção ideológica da Marca, de forma mercadológica, define-se por uma abrangência que engloba a preservação e conservação da floresta e que se expande de forma significativa para uma compreensão de pertencimento e propriedade: a Amazônia como um patrimônio mundial, uma área internacional que deve ter um controle dos países dominantes e de suas empresas, ao mesmo tempo em que se apresenta também, no sentido contra-hegemônico, como uma área pertencente, portanto, como uma propriedade das populações tradicionais. E por fim, uma vertente que mostra a região como um objeto de consumo publicizado, posto a partir de um rol de utilidades que inclui inclusive as questões postas acima, que sua natureza oferece de forma mais específica como imagem para o marketing e para a publicidade.

Todo esse movimento veio consolidando uma versão midiaticizada da Amazônia, forjando assim uma visão estereotipada de retratação da região, porque dá relevo a determinados enfoques e não exprime - e nem mesmo almeja - toda sua complexidade. O presente artigo visa observar contemporaneamente de que forma essa imagem midiaticizada está construída, frente aos observadores internacionais. Assim sendo, procederemos com uma análise qualitativa da cobertura midiática do portal inglês de notícias online *The Guardian*, observando, pelas narrativas das matérias publicadas no ano de 2020, que imagem a Amazônia projeta para quem acessa e toma conhecimento das notícias pelo veículo.

Para isso, nos concentraremos no discurso imbricado nas notícias pela metodologia

da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2010) que objetiva estudar texto e eventos em diversas práticas, sendo uma teoria e método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico. Paul Ricoeur (2011) faz uma distinção entre língua e discurso, considerando que a língua em si é um sistema virtual dado a ser utilizado no infindável de suas possibilidades. É diferente do discurso que é entendido por Ricoeur como um evento, ou seja, um acontecimento concreto e materializado, sendo que somente o discurso atrela-se à realidade e dessa maneira busca expressar um mundo. "Somente o discurso, dizíamos, visa às coisas, aplica-se à realidade, exprime o mundo." (Ricoeur, 2011. p.64). Assim sendo, o que buscaremos é ver que mundo se expressa por esses textos, ou de outra sorte, que Amazônia é discursada na cobertura do *The Guardian*.

O GUARDIÃO: VIGILANTE COM OS ACONTECIMENTOS

O slogan do portal de notícias *The Guardian* é "*Available for everyone, funded by readers*"³, ou seja, é um dos poucos grandes portais internacionais de notícia que é totalmente aberto para leitura, sem limitação do número de notícias que se pode acessar.

Fundado em 05 de maio de 1821 pelo comerciante de algodão John Edward Taylor, o jornal tinha inicialmente o nome de *Manchester Guardian* (Guardião de Manchester) e surgiu como um canal para protestar contra o governo britânico logo após o massacre de Peterloo em 1819, quando a cavalaria de Manchester matou 14 pessoas e feriu outras 700 durante um protesto que reunia 60 mil pessoas que clamava por mudanças na representação parlamentar, na localidade de Saint Peter's Field, na cidade de Manchester, na Inglaterra.

O jornal foi vendido em 1907 para o sobrinho de Taylor, CP Scott que desde 1872 era o editor do folhetim. Com 57 anos de circulação, os ideais liberais do jornal lhe conferiram uma reputação internacional, sendo que a partir de 1919 o jornal começa a circular uma edição semanal internacional chamada *Guardian Weekly*.

Após a morte de CP Scott, um dos seus filhos, John Russel Scott, determinado a manter o legado do jornal, funda em 1936 o Scott Trust, uma fundação com o objetivo de manter a independência financeira e editorial do *Manchester Guardian*. O jornal continuou

³ Disponível para todos, financiado pelos leitores.

a se firmar e em 1959 mudou seu título para apenas *The Guardian* como forma de refletir a expansão de seus leitores e cobertura. A partir de 1964 o *Guardian* muda o escritório do editor e os principais departamentos editoriais para Londres. Em 1995, lança o seu primeiro site, e em 1999 reúne os diversos sites que foram lançados formando o *Guardian Unlimited* até chegar ao atual *theguardian.com*.

Como o jornal é mantido por uma fundação, basicamente ele se mantém com as assinaturas dos leitores e doações avulsas. Ao ler as notícias o site mostra um banner com o seguinte texto:

Nestes tempos extraordinários, milhões confiam no Guardian para um jornalismo independente de alto impacto que representa a verdade e a integridade. Sem acionistas ou proprietário bilionário, relatamos os eventos mundiais com precisão, livres de influência política e comercial. E, ao contrário de muitos outros, temos o compromisso de manter nossos relatórios abertos para todos os leitores. Cada contribuição, seja grande ou pequena, faz a diferença (*theguardian.com* - tradução nossa)

A proposta do jornal parece ser muito nobre, contudo, como bem nos adverte Ricouer (2011) clamar por um discurso ideologicamente neutro e sem influências é um engodo. De qualquer forma, sabemos que esse é o discurso já reclamado por vários veículos de mídia, o de que se centrar a divulgar fatos e acontecimentos focados em evidências confere às narrativas jornalísticas o status de verdade.

AMAZÔNIA PRA INGLÊS VER

Após a apresentação do veículo, sua origem, localização e história, partimos então para análise do corpus de pesquisa. No ano de 2020, foram publicadas 36 matérias e dois editoriais que mencionaram a Amazônia no *The Guardian*. Para um mapeamento desse material foi utilizado o mecanismo de busca do portal de notícias tendo como palavra-chave de pesquisa o termo “Amazon Forest”. Nessa busca, pela menção da palavra chave, obtivemos mais uma matéria, mas que tinha como cerne a discussão com relação a devastação da vegetação no cerrado brasileiro o que, por essa motivação, excluimos. Analisamos então as matérias fazendo pequenos resumos dos discursos contidos nelas e suas

palavras-chave e chegamos a 11 temáticas que se repetiam e que distinguimos como relevantes na abordagem do discurso produzido pelo jornal e que julgamos pertinentes para análise. Abaixo estão essas temáticas e entre parênteses o número de vezes que elas

aparecem nas matérias. É importante salientar que na maioria dos textos encontramos por vezes mais de uma dessas temáticas sendo abordadas. São elas:

- (13) A questão indígena; ataques aos direitos dos indígenas; assassinato de líderes ambientalistas indígenas; pressão por redução das áreas de preservação; e propostas de exploração dessas áreas por projetos de mineração, energia hidrelétrica, agricultura e pecuária;
- (2) Enaltecimento para "projetos exemplares" de exploração sustentável da floresta;
- (29) Política anti-ambientalista e dismantelo dos órgãos de fiscalização ambiental e postura agressiva do presidente de extrema-direita, Jair Bolsonaro;
- (6) Relações internacionais do Brasil prejudicadas por discurso anti-ambientalista do presidente Jair Bolsonaro;
- (5) Pressões por sanções econômicas ao Brasil em decorrência de falta de ações mais efetivas para o combate à devastação ambiental;
- (9) Posicionamento negacionista do governo Bolsonaro frente a pandemia de Coronavírus;
- (2) Projetos desenvolvimentistas propostos pelo governo brasileiro que encerram pressão sobre as áreas protegidas e os povos que ocupam atualmente esses locais;
- (8) Enfraquecimento da vigilância ambiental em decorrência da pandemia de Covid-19;
- (5) Críticas a utilização de áreas desmatadas para uso agropecuário (indústria da carne e da soja);
- (3) Ativismo de celebridades internacionais em prol da causa ambiental;
- (5) Aquecimento global e evidências científicas acerca da degradação ambiental e de suas consequências para a manutenção da vida na terra.

A partir disso, vamos analisar o enfoque jornalístico dado a esses temas pelo *The Guardian* pelo viés da intertextualidade e interdiscursividade proposta por Norman Fairclough (2010). Dentre as perguntas feitas na análise de interdiscursividade, temos: que discursos são articulados no texto e como são articulados? Já no cerne da intertextualidade, levantamos os seguintes questionamentos: quais são as vozes relevantes? Quem são

excluídos e incluídos na narrativa? A seguir, veremos os resultados obtidos a partir da Análise Crítica do Discurso.

AMEAÇA AOS POVOS INDÍGENAS

Conforme enumerado na lista acima, a temática envolvendo os povos indígenas aparece nas linhas do portal em 13 ocasiões. A primeira matéria do ano, veiculada no dia 02 de janeiro de 2020, abordou esse tema com o seguinte título: "Chefe Indígena Amazônida Raoni Metuktire: 'Bolsonaro tem sido o pior para nós'". O jornal, portanto, resgata a palavra de grande liderança indígena e em favor da preservação da floresta que é o cacique Raoni, do alto dos seus 90 anos.

“Já vi muitos presidentes irem e virem, mas nenhum falou tão mal dos indígenas ou ameaçou a nós e à floresta dessa maneira”, [...]. “Desde que ele [Bolsonaro] se tornou presidente, ele tem sido o pior para nós” (Discurso do cacique Raoni. The Guardian. Chefe amazonense Raoni Metuktire: 'Bolsonaro foi o pior para nós', 2/1/2020, *tradução nossa*).

A matéria menciona também o ativista indígena Davi Kopenawa que é visto como que um sucessor de Raoni. Em seu discurso, evidencia agressões que estão sendo feitas a Amazônia em especial pelos garimpeiros, agricultores e grileiros que em narrativa do jornalista: "Foram encorajados por um governo que passou seu primeiro ano enfraquecendo as proteções ambientais, encorajando madeireiros e amontoando desprezo por grupos conservacionistas e moradores da floresta" (Watts, 2020, *tradução nossa*).

Em quase totalidade das linhas que exploram a temática indígena a narrativa vai ser bem semelhante ao que é abordado nesta matéria, ou seja, de que o governo Bolsonaro estava implementando no Brasil uma política anti-indigenista. Não obstante, gerou a crise de saúde pública enfrentada pelo povo Yanomami com a morte de 177 indígenas por desnutrição entre 2019 e 2022.

Diferente do principal discurso, destacamos duas matérias que fazem parte do tópico "Enaltecimento de 'projetos exemplares' para exploração sustentável da floresta". Nos textos são abordados a exploração sustentável dos recursos da floresta feita pelos indígenas. A primeira “*É uma floresta de alimentos!: os moradores da Amazônia enfrentam a ameaça de Bolsonaro*”, veiculada em 04 de janeiro de 2020, descreve uma cooperativa localizada na reserva extrativista Tapajós-Arapiuns que sobrevive realizando

a extração e conservação de polpas de frutas utilizando energia solar. A atividade é administrada por uma cooperativa formada por residentes da área e em grande parte liderada por mulheres dentro da Aldeia Surucuá. De certa forma o texto coloca esse modelo de exploração sustentável como o ideal para as populações ali residentes.

A segunda matéria intitulada “Cacau, não ouro: ‘árvores de chocolate’ oferecem futuro às tribos amazônicas”, de 25 de janeiro de 2020, menciona uma atividade conduzida pelos índios Ye'kwana na produção de cacau orgânico, que tem alto valor para o mercado de chocolate e é desenvolvido no extremo norte da Amazônia Brasileira, na reserva indígena Yanomami Waikas.

O modelo extrativista "mantendo a floresta em pé" e realizado por indígenas é enaltecido como o modelo ideal produtivo nessas terras e que produzir dessa forma lhes conferiria recursos para adquirir equipamentos tecnológicos sem sacrifícios (computadores, celulares, etc..) como se esse fosse o ideal de consumo para esses povos. “Os indígenas mudaram, estão evoluindo”; “Os indígenas estão cada vez se tornando seres humanos como nós”, foram falas ditas comumente pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e trazidas na respectiva matéria jornalística. Um discurso que reproduz a lógica do colonialismo que refere-se a “civilidade” imposta pela sociedade branca.

Em síntese, as populações indígenas tem bastante destaque nos textos. No entanto, observamos uma ausência de menções a ribeirinhos e quilombolas como povos que também ocupam terras na Amazônia e, de certa forma, sofrem as mesmas pressões por parte de grileiros, garimpeiros e também dos grandes projetos.

ORDEM E PROGRESSO

Duas matérias correspondentes ao tópico "Projetos desenvolvimentistas propostos pelo governo brasileiro" nos fazem observar o discurso de “ordem e progresso” a qualquer custo. A primeira intitulada *“Projeto de morte’: alarme no plano de Bolsonaro para a ponte sobre a Amazônia”* discorre sobre a construção de uma ponte sobre o rio Amazonas que ligaria o Brasil ao Suriname, além de outras obras como construção de hidrelétricas e estradas que facilitassem o escoamento da produção agrícola do centro-oeste.

O projeto é amplamente criticado por ribeirinhos (aqui a primeira voz dessa população), indígenas e também povos quilombolas. O temor é que o projeto de desenvolvimento aumente a devastação na região a exemplo de outros projetos, como a

hidrelétrica de Belo Monte que fez a população da cidade de Altamira crescer de forma rápida sem que houvesse ações sociais que amenizassem as consequências disso para as condições de vida da população, alavancando situações como aumento da violência, prostituição e miséria na região.

A segunda aborda a construção de uma rodovia dentro de uma terra indígena que ligaria o Acre ao Peru abrindo um corredor para o pacífico. Os defensores do projeto, inclusive o ex-presidente, argumentam que a iniciativa impulsionaria a economia da região.

“Os opositores, no entanto, temem que isso possa ter consequências catastróficas para o ambiente do Brasil, que já está a cambalear sob o comando de Bolsonaro, à medida que a taxa de desflorestação da Amazônia sobe para o seu nível mais alto em mais de uma década” (Phillips, Tom. Barretto, Caio. ‘É como se não tivéssemos aprendido nada’: alarme sobre projeto rodoviário na Amazônia. **The Guardian**, 26/12/2020, *tradução nossa*).

Cinco matérias dão foco à utilização das áreas desmatadas para cultivo de soja e criação de carne bovina, referindo-se à elas como produção agrícola e pecuária "contaminadas" pelo desmatamento. Nesses textos, a narrativa cobra dos governos da União Européia uma maior fiscalização com as importações desses itens sob pena de estar colaborando com os impactos ambientais advindos dessa produção. Sugerem inclusive que as instituições financeiras não ofereçam recursos para o financiamento de empreendimentos que se enquadrem na utilização de áreas devastadas para sua produção.

Podemos destacar uma matéria veiculada no dia 16 de julho de 2020 que traz em seu título um quantitativo robusto dessa questão: *"Um quinto da soja brasileira na Europa é resultado do desmatamento"*. Nessa matéria, o portal dá destaque ao depoimento de um diretor da World Wide Fund for Nature (WWF-UK) que alerta para a questão:

Sem saber, estamos comendo carne e laticínios de animais alimentados com soja cultivada em terras desmatadas no Brasil. Precisamos parar de importar a destruição do habitat (Discurso de Mike Barrett. **The Guardian**, on-line, 2020, *tradução nossa*).

Outra matéria, que explora o assunto, foi publicada no dia 27 de julho de 2020¹⁶ e explica uma investigação que o portal conduziu mostrando o envolvimento da empresa de produção de carne JBS com um procedimento chamado "lavagem de gado", resultado do transporte de gados criado em fazendas que estão sobre sanção por desmatamento ilegal a

frigoríficos.

O questionamento da equipe iniciou a partir de fotos publicadas em uma rede social por um caminhoneiro da empresa e, ao longo da apuração, foram encontradas evidências de que a JBS se utiliza do transporte de gado de fazendas embargadas para fazendas "limpas" como forma de burlar o rastreamento de onde o gado foi criado. Na matéria, reforça-se o discurso que mercado inglês não consuma carne proveniente de áreas desmatadas.

Dessa forma, presenciamos um governo que preza por um “desenvolvimento de saque” (Castro, 2019), ou seja, tem um discurso marcado pela exploração intensiva de recursos naturais adaptado ao modelo capitalista e neoextrativista.

AMAZÔNIA BRASILEIRA EM PAUTA INTERNACIONAL

No dia 13 de fevereiro de 2020, o portal fala das críticas de Bolsonaro ao Papa Francisco por conta de o pontífice ter conclamado os católicos a repudiarem a exploração dos povos indígenas bem como a degradação ambiental. Nessa matéria o jornal descreve o governo de Bolsonaro:

Desde que assumiu o cargo em janeiro de 2019, Bolsonaro tem enfrentado a condenação de ambientalistas e da comunidade internacional por suas políticas para a maior floresta tropical do mundo, que foi devastada por incêndios recordes no ano passado. Na semana passada, ele voltou a ser criticado por propor um projeto de lei que permitiria projetos de mineração, agricultura e energia hidrelétrica em terras amazônicas anteriormente protegidas, chamando-o de “sonho” (The Guardian, on-line, 2020, *tradução nossa*).

A tensão nas relações internacionais do presidente por conta de suas falas anti-ambientalista aparece no portal seis vezes. No primeiro momento, temos um destaque para o aumento de queimadas na região em meio a uma pandemia. A matéria “*Floresta Amazônica brasileira sofre piores incêndios em uma década*”, publicada no dia 1º de outubro de 2020, que discorre sobre os aumentos de incêndios na Amazônia em comparação com outros anos e especialmente com o ano de 2019. O principal ponto foi um pronunciamento do candidato à presidência dos EUA, Joe Biden, que pediu um esforço mundial para oferecer 20 bilhões de dólares para acabar com o desmatamento na Amazônia e ameaça intervenções econômicas caso o Brasil não parasse de derrubar a floresta. O presidente Jair Bolsonaro comentou o pronunciamento como uma ameaça covarde à soberania do Brasil.

Em 20 de outubro de 2020 outra matéria toca no ponto das relações internacionais e também econômicas. Neste caso, menciona negociações que estão sendo feitas para que o Brasil apresente medidas mais efetivas e concretas para contenção da devastação indiscriminada da floresta Amazônica como um requisito para que seja fechado um acordo comercial que vem sendo negociado há 20 anos entre o Mercosul e a União Europeia. O principal entrave para consolidação do acordo é a postura do presidente de extrema direita, Jair Bolsonaro, e seu negacionismo quanto aos impactos ao clima global advindo de ações predatórias às áreas de florestas.

França, Irlanda e Áustria disseram que vão bloquear a ratificação parlamentar, a menos que Bolsonaro concorde em fazer mais para combater o desmatamento na Amazônia e números recordes de incêndios. O presidente brasileiro repetidamente desprezou os apelos internacionais pela proteção da Amazônia e defendeu o direito de seu país de explorar seus recursos naturais (Boffey, on-line, 2020, *tradução nossa*).

No dia 07 de novembro de 2020 é publicada uma matéria que relata uma viagem de embaixadores estrangeiros organizada pelo governo federal à Amazônia. Um dos pontos centrais é uma crítica ao roteiro, considerando que o grupo percorreu apenas áreas preservadas. O jornal então finaliza a matéria com certo descrédito:

Antes de partir, a embaixadora interina do Reino Unido no Brasil, Liz Davidson, tuitou que 'é uma pena que a viagem não inclua visitas a áreas mais impactadas pela degradação ambiental'. Ela disse ao jornal Valor Econômico do Brasil que o Reino Unido queria ver um plano de longo prazo para combater o desmatamento ilegal (Phillips, on-line, 2020, *tradução nossa*).

Esse cenário abrange outro tópico que levantamos "Pressões por sanções econômicas ao Brasil em decorrência de falta de ações mais efetivas para o combate à devastação ambiental" no qual é citado cinco vezes. Dessa forma, observamos que o desinteresse ambiental por parte do governo federal trouxe uma relação internacional conflituosa com demais países.

Outro tópico que encontramos relevo nas matérias foi a menção a celebridades que atuam em favor da causa ambiental. Dentre elas, a mais significativa é a reportagem publicada no dia 3 de maio de 2020 que cita uma carta enviada por diversas celebridades ao ex-presidente:

Em uma carta aberta ao presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, figuras como Madonna, Oprah Winfrey, Brad Pitt, David Hockney e Paul McCartney alertaram que a pandemia significa que as comunidades indígenas na

Amazônia enfrentam “uma ameaça extrema à sua própria sobrevivência (Phillips, on-line, 2020, *tradução nossa*).

Nesse contexto, notamos que a anti-política ambiental de Jair Bolsonaro foi pauta do mundo e ficou em evidência durante o ano de 2020. Além de ameaças a sanções econômicas e políticas, a Amazônia brasileira e seus povos passaram a serem vistos pelo “risco de sobrevivência” o que contribui, mais ainda, para a formação da Marca Amazônia (Amaral Filho, 2016).

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Nesse tópico, trouxemos os textos que tiveram relação com "Aquecimento global e evidência científicas" que apareceram em cinco matérias dentro do corpus de pesquisa. A primeira foi publicada no dia 4 de março de 2020 e discorre sobre um estudo científico realizado durante 30 anos que demonstra a perda da capacidade de absorção de carbono por parte das florestas tropicais. O texto alerta que as florestas podem passar a ser expelidoras de carbono ao invés de absorvedoras. Outro ponto de destaque é o entendimento da possibilidade da degradação ambiental chegar a um ponto de "inflexão", ou seja, que não seria mais possível reverter o quadro.

Esta pesquisa mostra que depender de florestas tropicais dificilmente será suficiente para compensar as emissões em grande escala. “Fala-se muito em desativação, mas a realidade é que todo país e todo setor precisa chegar a emissões zero, sendo que qualquer pequena quantidade de emissões residuais precisa ser removida da atmosfera”, disse Lewis. “O uso de florestas como compensação é em grande parte uma ferramenta de marketing para as empresas tentarem continuar seus negócios normalmente (Harvey, on-line, 2020, *tradução nossa*).

O “ponto de inflexão” é abordado em mais duas matérias que enfatizam a destruição do ecossistema aceleraria o bioma de Floresta Tropical para Savana. Seguindo o mesmo viés, outra reportagem cita o desaparecimento de nove espécies de pássaros comedores de insetos em áreas consideradas preservadas. O estudo sugere que as mudanças climáticas afetaram a disponibilidade de alimentos para essas espécies, ou seja, a diminuição de insetos, o que conseqüentemente os fez se deslocarem para outras áreas.

NEGACIONISMO DE JAIR BOLSONARO

O portal retrata o presidente Jair Bolsonaro como um grande vilão para o meio ambiente, detrator de povos indígenas, entre muitas outras críticas. A figura do presidente é citada em 29 matérias das 36 analisadas.

Considerando que no período de análise estávamos enfrentando uma pandemia, o portal trouxe discursos referente ao posicionamento do governo federal. A palavra “negacionismo” aparece novo vezes em matérias e reforça a imagem negativa do executivo brasileiro nas narrativas do jornal.

Em matéria publicada no 03 de abril de 2020 intitulada "Brasil: temores de coronavírus enfraquecem proteção da Amazônia antes da temporada de incêndios", Jair Bolsonaro é descrito como sendo pior do que Donald Trump na administração da pandemia:

Bolsonaro foi mais longe do que Donald Trump ao rejeitar os pareceres científicos sobre a necessidade de medidas de isolamento e quarentenas para impedir a propagação da doença. Ele encorajou ativamente as pessoas a desprezar as restrições impostas pelos governadores estaduais, participou de manifestações massivas de apoiadores e divulgou alegações medicamente infundadas sobre remédios e a resistência inata do povo brasileiro. Isso foi recebido com condenação internacional e preocupação particular de grupos indígenas no Brasil, que se mostraram terrivelmente vulneráveis a surtos anteriores de doenças (Watts, on-line, 2020, *tradução nossa*).

Ainda no mês de abril o portal divulga mais uma notícia alarmante quanto a situação da cidade de Manaus que sofre um surto explosivo da COVID-19. Mais uma vez, o presidente é citado em vários depoimentos, inclusive, do prefeito que o critica por ter desincentivado às medidas de isolamento social. “Me entristece saber que essas vidas poderiam ter sido salvas e não foram salvas, em parte porque o principal líder do Brasil [...] disse que não havia problema em sair” (Discurso de Arthur Virgílio. 'Desastre total': Manaus enche valas comuns enquanto Covid-19 atinge a Amazônia. *The Guardian*, 30/04/2020).

Esse tema se vincula diretamente com outro: "Enfraquecimento da vigilância ambiental em decorrência da pandemia de Covid-19" que é citado oito vezes durante as matérias. Dessa forma, as narrativas jornalísticas do *The Guardian* dão conta que, não obstante, o governo não deu atenção ao risco sanitário da pandemia, além disso, aproveitou dessas condições para afrouxar as fiscalizações ambientais.

Isso está registrado de maneira mais contundente em matéria publicada no 6 de maio

de 2020 com o título bem direto: "Brasil usa coronavírus para encobrir assaltos à Amazônia, alertam ativistas". Nesse texto a narrativa é construída com o seguinte teor:

Enquanto a pandemia de coronavírus se espalha pela Amazônia, aumentando o temor de um genocídio de suas vulneráveis tribos indígenas, o governo do presidente de extrema direita, Jair Bolsonaro, e seus apoiadores estão dismantando as regras que protegem as reservas protegidas. Autoridades ambientais importantes foram demitidas, e ambientalistas e líderes indígenas temem que a pandemia esteja sendo usada como cortina de fumaça para um novo ataque à floresta tropical (Phillips e Maisonnave, on-line, 2020, *tradução nossa*).

Dessa forma, presenciamos que o “passar a boiada” não foi apenas um fala do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles⁴. De fato, a Amazônia, em 2020, sofreu sob dupla ameaça com fragilização da política ambiental no Brasil resultando na promulgação de 593 atos do governo federal relacionados ao meio ambiente (Observatório do Clima, 2021) e sobre o combate a um vírus, até então, desconhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos utilizar a hermenêutica como uma forma de redescrever a realidade, observando não somente aquilo que está dito, mas também aquilo que não está dito e trazê-lo à tona (Ricouer, 2011). Portanto, o estudo hermenêutico é essa observação minuciosa do enredamento de sentidos, onde a trama formada pela configuração de palavras, amarrada nas linhas que são as frases, formam um horizonte, um desenho, a expressão de uma paisagem que seria o discurso.

Em grande parcela da narrativa imputa-se que a devastação da Amazônia é a razão principal para que estejamos caminhando em direção de um cataclisma climático e que o grande responsável por isso é o Brasil que não cuida bem de suas florestas. Dessa maneira, a cobertura jornalística se engendra de forma unívoca com o discurso de que “precisamos salvar a Amazônia e seus povos” engedrados por um viés que vende a região como uma marca (Amaral, 2018).

Um capítulo à parte da análise é a administração do governo Bolsonaro que com

⁴ Durante a reunião ministerial realizada no dia 22 de abril, o ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, falou da oportunidade trazida pela pandemia da COVID-19 em desviar a atenção da sociedade e da mídia para assuntos relacionados às regras de proteção ambiental. Para ele, era o momento de evitar críticas e processos na justiça. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2024.

discursos completamente descontraídos com a lógica da sustentabilidade e responsabilidade social - mantras do capitalismo atual - amplificam exponencialmente uma imagem ruim da situação ambiental na Amazônia e dos povos originários, reforçando mais ainda essas temáticas que tem estado em voga já há pelos menos 30 anos na forma de narrar a Amazônia, entre os conflitos ambientais e a violência implicada na ocupação das terras por grileiros, garimpeiros e madeireiros, inclusive que resultou na morte de um dos jornalistas do portal, no qual citamos aqui, Dom Phillips.

Diante de tudo o que foi exposto, notamos uma cobertura jornalística referenciada a questões políticas e sociais. Portanto, temos cinco principais narrativas perpassando os textos: medidas que ameaçavam aos povos indígenas, desenvolvimento por meio de projetos de rodovia e de exploração de gado e soja, relações internacionais conflituosas pelo posicionamento político do Brasil, estudos científicos relacionados às mudanças climáticas que envolvem a Amazônia e negacionismo da disseminação de Covid-19 por parte de Jair Bolsonaro.

Na Amazônia discursada pelo *The Guardian* em 2020 não aparece a Amazônia urbanizada, não aparece a produção de conhecimento na Amazônia, não aparece a arte e o pulsar intelectual produzido na Amazônia, não aparece sequer a Amazônia turística - lembrando que o *The Guardian* há alguns anos atrás foi o portal que deu o título à praia de Alter do Chão, em Santarém, como a mais bonita do mundo.

Assim percebemos que a midiatização da realidade amazônica vai se cristalizando cada vez mais em seu estereótipo já desenhado. Enfim, o conteúdo do período recortado é ainda farto para diversas outras análises que poderemos explorar futuramente nessa Amazônia “feita para inglês ver”, postar e viralizar.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Otacílio. Marca Amazônia: o marketing da floresta. Editora CRV, 2016.

ALBERGE, Dalya. 'Sistine Chapel of the ancients' rock art discovered in remote Amazon forest. *The Guardian*, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2020/nov/29/sistine-chapel-of-the-ancients-rock-art-discovered-in-remote-amazon-forest>. Acesso em: 23 jan. 2024.

ARBEX JR., José. “Terra sem povo”, crime sem castigo. In: TORRES, M. (Ed.) Amazônia

revelada: os descaminhos ao longo da BR-163. Brasília, 2005. p. 21-66.

BOFFEY, Daniel. EU seeks Amazon protections pledge from Bolsonaro in push to ratify trade deal. The Guardian, 20 out. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2020/oct/20/eu-seeks-amazon-rainforest-protections-pledge-from-bolsonaro-in-push-to-ratify-trade-deal>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BOLSONARO attacks Pope Francis over pontiff's plea to protect the Amazon. The Guardian, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/feb/13/brazil-jair-bolsonaro-pope-francis-amazon>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BRAZIL'S Amazon rainforest suffers worst fires in a decade. The Guardian, 1 out. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2020/oct/01/brazil-amazon-rainforest-worst-fires-in-decade>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BRAZIL scales back environmental enforcement amid coronavirus outbreak. The Guardian, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/27/brazil-scales-back-environmental-enforcement-coronavirus-outbreak-deforestation>. Acesso em: 23 jan. 2024.

CASTRO, Edna. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas. Em: Edna Castro (org.) Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre políticas e fronteiras. São Paulo: Annablume, 2019. pp. 35-62. Disponível em:

<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20200217045231/Pensamento-critico-latino-americano.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.

CAMPOS, André *et al.* Revealed: new evidence links Brazil meat giant JBS to Amazon deforestation. The Guardian, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2020/jul/27/revealed-new-evidence-links-brazil-meat-giant-jbs-to-amazon-deforestation>. Acesso em: 23 jan. 2024.

EXPERT on Amazon tribes killed by arrow from uncontacted group. The Guardian, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/sep/10/expert-on-amazon-tribes-killed-by-arrow-from-uncontacted-group>. Acesso em: 23 jan. 2024.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, 316p.

GROSSMAN, Daniel. Nine insect-eating bird species in Amazon in sharp decline, scientists find. The Guardian, 26 out. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/oct/26/nine-insect-eating-bird-species-in-amazon-in-sharp-decline-scientists-find>. Acesso em: 23 jan. 2024.

GREENFIELD, Patrick. WATTS, Jonathan. Record 212 land and environment activists

killed last year. The Guardian, 27 jul. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/jul/29/record-212-land-and-environment-activists-killed-last-year>. Acesso em: 23 jan. 2024.

HARVEY, Fiona. Tropical forests losing their ability to absorb carbon, study finds. The Guardian, 4 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/mar/04/tropical-forests-losing-their-ability-to-absorb-carbon-study-finds> Acesso em: 23 jan. 2024.

HARVEY, Fiona. PHILLIPS, Dom. A fifth of Brazilian soy in Europe is result of deforestation. The Guardian, 16 jul. 2020. Disponível

em: <https://www.theguardian.com/environment/2020/jul/16/a-fifth-of-brazilian-soy-in-europe-is-result-of-deforestation-amazon-jair-bolsonaro>. Acesso em: 23 jan. 2024.

HARVEY, Fiona. Destruction of world's forests increased sharply in 2020. The Guardian, 30 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2021/mar/31/destruction-of-worlds-forests-increased-sharply-in-2020-loss-tree-cover-tropical>. Acesso em: 23 jan. 2024.

HARVEY, Fiona. Amazon near tipping point of switching from rainforest to savannah – study. The Guardian, 05 out. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/oct/05/amazon-near-tipping-point-of-switching-from-rainforest-to-savannah-study> Acesso em: 23 jan. 2024.

HARVEY, Fiona. European banks urged to stop funding oil trade in Amazon. The Guardian, 12 ago. 2020. Disponível

em: <https://www.theguardian.com/environment/2020/aug/12/european-banks-urged-to-stop-funding-oil-trade-in-amazon>. Acesso em: 23 jan. 2024.

HEAL, Alexandra. WASLEY, Andrew. Bolsonaro government thanked Johnson for Amazon fire support. The Guardian, 30 mar. 2020. Disponível:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/mar/30/bolsonaro-government-thanked-johnson-for-amazon-fire-support>. Acesso em: 23 jan. 2024.

LANDAU, Lucas. PHILLIPS, Tom. Amazon tragedy repeats itself as Brazil rainforest goes up in smoke. The Guardian, 2 set. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2020/sep/02/amazon-fires-brazil-rainforest-bolsonaro-destruction> Acesso em: 23 jan. 2024.

MINISTRO do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a COVID-19. **Portal G1**, 22 maio. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regras-e-simplificar-normas.ghtml>>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MORTON, Adan. Football pitch-sized area of tropical rainforest lost every six seconds.

The Guardian, 2 jun. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/environment/2020/jun/02/football-pitch-area-tropical-rainforest-lost-eve-ry-six-seconds>. Acesso em: 23 jan. 2024

OUTCRY from environmentalists as Brazil fires official monitoring deforestation. The Guardian, 13 jul. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jul/13/brazil-firing-amazon-deforestation-data>. Acesso em: 23 jan. 2024.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. "**Passando a boiada**": o segundo ano de desmonte institucional sob Jair Bolsonaro, p. 38. 2021.

PHILLIPS, Dom. Cacao not gold: 'chocolate trees' offer future to Amazon tribes. The Guardian, 25 jan. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/environment/2020/jan/25/cacao-not-gold-chocolate-trees-offer-future-to-amazon-tribes-aoe>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. 'Project of death': alarm at Bolsonaro's plan for Amazon-spanning bridge. The Guardian, 10 mar. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/globaldevelopment/2020/mar/10/brazil-amazon-bridge-project-bolsonaro>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. The isolated tribes at risk of illness from Amazon missionaries. The Guardian, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/23/the-isolated-tribes-at-risk-of-illness-from-amazon-missionaries>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Tom. MAISONNAVE, Fabiano. 'Utter disaster': Manaus fills mass graves as Covid-19 hits the Amazon. The Guardian, 30 abr. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/world/2020/apr/30/brazil-manaus-coronavirus-mass-graves>. Acesso em: 23 jan. 2024

PHILLIPS, Tom. 'We are on the eve of a genocide': Brazil urged to save Amazon tribes from Covid-19. The Guardian, 3 mai. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/world/2020/may/03/eve-of-genocide-brazil-urged-save-amazon-tribes-covid-19-sebastiao-salgado>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Forest fire season is coming. How can we stop the Amazon burning? The Guardian, 5 mai. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/environment/2020/may/05/a-deadly-cycle-of-destruction-how-greed-for-land-is-fuelling-amazon-fires>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Brazil using coronavirus to cover up assaults on Amazon, warn activists. The Guardian, 6 maio. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/world/2020/may/06/brazil-using-coronavirus-to-cover-up>

assaults-on-a mazon-warn-activists. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Studies add to alarm over deforestation in Brazil under Bolsonaro. The Guardian, 28 maio. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/may/28/studies-add-to-alarm-over-deforestation-in-brazil-under-bolsonaro-covid-19>. Acesso em: 23. jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Dramatic footage fuels fears Amazon fires could be worse than last year. The Guardian, 17 jul. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/jul/17/dramatic-footage-fuels-fears-amazon-fires-could-be-worse-than-last-year>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Brazil experiences worst start to Amazon fire season for 10 years. The Guardian, 13 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/aug/13/brazil-experiences-worst-start-to-amazon-fire-season-for-10-years> Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Dramatic footage fuels fears Amazon fires could be worse than last year. The Guardian, 17 jul. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/jul/17/dramatic-footage-fuels-fears-amazon-fires-could-be-worse-than-last-year>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Brazil experiences worst start to Amazon fire season for 10 years. The Guardian, 13 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/aug/13/brazil-experiences-worst-start-to-amazon-fire-season-for-10-years> Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Goldmining having big impact on indigenous Amazon communities. The Guardian, 7 out. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/oct/07/goldmining-having-big-impact-on-indigenous-amazon-communities>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Dom. Green groups denounce Brazil's 'sham' Amazon tour for foreign diplomats. The Guardian, 7 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/nov/07/green-groups-denounce-brazils-sham-amazon-tour-for-foreign-diplomats>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Tom. Amazon deforestation surges to 12-year high under Bolsonaro. The Guardian, 30 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/dec/01/amazon-deforestation-surges-to-12-year-high-under-bolsonaro> Acesso em: 23 jan. 2024.

PHILLIPS, Tom. BRISO, Barretto Caio. 'It's as if we've learned nothing': alarm over Amazon road project. The Guardian, 26 dez. 2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/environment/2020/dec/26/alarm-over-amazon-road-project-brazil-bolsonaro-biodiverse-indigenous-communities>. Acesso em: 23 jan. 2024.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

THE GUARDIAN view on Brazil and the Amazon: don't look away. *The Guardian*, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jun/05/the-guardian-view-on-brazil-and-the-amazon-dont-look-away>. Acesso em: 23 jan. 2024.

THE GUARDIAN view on Amazonian cave art: a story about the environment, too. *The Guardian*, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/dec/04/the-guardian-view-on-amazonian-cave-art-a-story-about-the-environment-too>. Acesso em: 23 jan. 2024.

WATTS, Jonathan. Amazonian chief Raoni Metuktire: "Bolsonaro has been the worst for us". **The Guardian**, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jan/02/amazonian-chief-raoni-metuktire-bolsonaro-has-been-the-worst-for-us>. Acesso em: 23 jan. 2024.

WATTS, Jonathan. "It's a food forest": Amazon villagers face down Bolsonaro threat. *The Guardian*, 4 jan. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2020/jan/04/its-a-food-forest-amazon-villagers-face-down-bolsonaro-threat>. Acesso em: 23 jan. 2024.

WATTS, Jonathan. Ecosystems the size of Amazon 'can collapse within decades'. *The Guardian*, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2020/mar/10/ecosystems-size-of-amazon-rainforest-can-collapse-within-decades>. Acesso em: 23 jan. 2024.

WATTS, Jonathan. Brazil: coronavirus fears weaken Amazon protection ahead of fire season. *The Guardian*, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2020/apr/03/brazil-amazon-protection-coronavirus-fire-season>. Acesso em: 23 jan. 2024.